

RECORTES DE PAISAGENS – ABORDAGEM HISTÓRICO-GEOGRÁFICA DA FORMAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS DO RECIFE A PARTIR DO ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES

EDVÂNIA TÔRRES AGUIAR GOMES*

“Para conhecer uma paisagem não basta vê-la, é preciso muito mais, é preciso que as duas almas, a do contemplador e a do lugar, cheguem a entender-se, quantas vezes elas nem mesmo se falam! Não é a todos que a natureza conta os seus segredos e inspira o seu amor, mas mesmo com os poucos de quem ela tem prazer em fazer pulsar o coração é preciso que eles se aproximem dela sem pressa de a deixar, com tempo para ouvi-la”.¹

Resumo: Diferente do método cartesiano de análise, que tratava os elementos a partir de visões seccionadas e parcelares, a cidade hoje é entendida por um conjunto cada vez maior de métodos que inevitavelmente compreendem o conjunto das representações que a sociedade estabelece em relação ao espaço e ao “mundo vivido”. A cidade, assim, está vinculada e mediada a partir de duas matrizes espaciais, o “espaço da ação” e o “espaço da representação”. Para este estudo foram identificados 3 (três) eixos urbanos paisagísticos na / da cidade do Recife, para cada eixo foram aplicados diferentes composições

* Geógrafa e Prof. Adjunta do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE.
Email: torres@npd.ufpe.br

e números de questionários, cujos horários e dias de aplicação guardaram afinidades com as características de uso e ocupação dos eixos e com o perfil da amostra dos entrevistados e teoricamente utilizou três categorias de bairros; os centrais, a exemplo do bairro do Recife e Santo Antônio; os situados em zona de transição, com pesquisas no bairro de Santo Amaro; e os bairros tipo-subúrbios, com enfoque nos bairros de Boa Viagem e Imbiribeira. A paisagem, enquanto abstração, desses eixos estão registradas ao longo da história como expressões literárias, acadêmicas e artísticas e refletem lugares de desejos, folclores, hábitos do cotidiano singulares em si. Os recortes dos espaços da cidade, enquanto abstrações, abrangem as demais formas de representações de paisagens e, enquanto geradoras de imagens literárias, pictóricas e artísticas, de uma maneira geral, tendem a potencializar e não raras vezes a caricaturar os aspectos marcantes alvejados, alimentando representações e despertando novas interpretações. Assim, o rebatimento desse processo de representações sucessivas foi de forma ilustrativa analisado ao longo do tratamento dado aos questionários aplicados nos 3 (três) eixos.

Palavras-chave: uso da cidade, Recife, representação.

Abstract: Moving away from the Cartesian method of analysis, that approached elements from compartmentalized and fragmented views, the city is now understood by a growing number of methods that inevitably encompass the group of representations that the society attaches to space and the “lived world”. The city is thus associated and measured inside two different spatial matrixes: the “space of action” and the “space of representation”. For this study, 3 urban landscape circuits in the city of Recife were identified. For each circuit different questionnaires, varying in composition and in numbers, were made. The days and time of their application were set in accordance to the characteristics of use and occupation of the circuits, as well as the interviewed subject’s profile. Theoretically, three categories of neighborhoods were regarded: the central ones like the Recife and Santo Antônio; the ones located in transition zones, such as Santo Amaro; and the suburbia-type neighborhoods, with Boa Viagem and Imbiribeira as a main focus. The landscapes of these circuits, taken as abstractions, are registered through history in literary, academic and artistic expressions that reflect places of desire, folklore, and habits of the everyday life. These framings of the city spaces tend to the creation of stereotypes, feeding a cycle of interpretations. The refutation of this process of successive representations was analyzed in an illustrative manner as a part of the treatment given to the questionnaires.

Keywords: uses of the city, Recife, representation

Estrutura do texto

1. Aproximação com alguns Princípios e métodos
2. Pressupostos e pistas metodológicas para a realização da pesquisa
3. Pistas conceituais para a investigação do “mundo vivido”
4. Pesquisa de representação do Recife em três Eixos urbanos
5. Eixo (localização) origem, história, e dinâmica de uso e ocupação
6. O Eixo enquanto subjetivo do mundo vivido
7. Três Eixos da cidade do Recife através de recortes de suas paisagens
8. Inquietudes acerca das paisagens da cidade nos recortes pesquisados
9. Referência Bibliográfica

Introdução

Os estudos e análises relativos à Cidade exigem que o investigador assuma como inevitável, a necessidade de decompor analiticamente as suas partes, beirando o método cartesiano, porém emergindo, no entanto, e necessariamente desta proximidade, buscando articular cada parte em si, e com o todo do processo histórico sobre a qual se consolidou. Na investigação da Cidade, não existem certezas prévias, nem as dúvidas e questões, dela e nela, são seguras em si mesma, ou seja, as questões não são isentas de preconceitos e condições lógicas, lingüísticas e culturais do pensamento de quem a estuda.

Tomando de empréstimo as palavras de E. Morin² (1988:19): “Hoje só podemos lançar-nos com a incerteza, inclusive a incerteza sobre a dúvida. Hoje temos de por metodicamente em dúvida o próprio princípio do método cartesiano, a disjunção dos objetos entre si, das noções entre si (as idéias claras e distintas), a disjunção absoluta do objeto e do sujeito. Hoje, a nossa necessidade histórica é encontrar um método capaz de detectar, e não de ocultar, as ligações, as articulações, as solidariedades, as implicações, as imbricações, as interdependências e as complexidades. (...) Temos de partir da extinção das falsas clarezas. Não do claro e do distinto, mas do obscuro e do incerto; não do conhecimento seguro, mas da crítica da segurança”.

Composta de processos subjetivos e objetivos, a análise de espaços da Cidade não constitui campo exclusivo de abordagem de nenhum método específico, tão pouco pode prescindir da combinação deles para superação das peculiaridades que histórica, cultural e dinamicamente encerra.

O conceito de “Cidade” cintila sob a forma de diferentes idéias e entendimentos por parte dos geógrafos e demais urbanistas, possibilitando uma infinidade de exemplos de classificação e ordenamento das cidades. Isto reflete de um lado a necessidade de se aprofundar as pesquisas científicas acerca das concepções intra-urbanas em seus diversos níveis. De outro lado, revela o resultado de uma série de trabalhos intensificados no início dos anos 70 do século XX, que no intuito de fazerem classificações dos espaços funcionais de cidades, terminaram por desenvolver diferentes conceitos e concepções, sem, no entanto, discutirem a questão da presença dos elementos físico-naturais nesses espaços, e suas internalizações e compreensões, tanto teóricas quanto a partir das práticas, por parte dos usuários desses espaços. Os diagnósticos, análises e estudos, culminando/resultando ou não, em intervenções, não contribuíram para o atingimento de definições precisas e operacionalizáveis, a partir do que se quer nas Cidades, quanto aos seus elementos físico-naturais, suas ancoragens sócio-culturais, suas paisagens, seu meio, sua natureza, e sequer avaliando a repercussão dos cenários construídos e seus impactos junto aos usuários das Cidades.

Informações sobre o meio ambiente da cidade, especialmente a percepção e o nível de satisfação da população quanto ao entorno de sua habitação apresentam-se como elementos fundamentais no auxílio à tomada de decisões para o planejamento urbano e gestão das cidades. Emergem distintos campos de conhecimento e elenco de informações, configurando importantes fontes para investigação das cidades.

Especialmente os geógrafos anglo-saxões buscaram estudar a vinculação entre percepção e avaliação dos usuários de bairros da cidade. A fundamentação teórica desta geografia da percepção em bases behavioristas foi conduzida por Downs³, que introduziu o princípio psicológico como um componente espacial, diferenciando o “Espaço da Percepção” do “Espaço da Ação”⁴.

Por outro lado, Horton e Reynolds⁵ definem que o Espaço de ação se constitui de dois componentes um que seria o meio físico (casa, bairro) e o

outro que seria o meio social. O Espaço de Ação seria para eles o conjunto de elementos com os quais, por razões objetivas ou afetivas, o Indivíduo se relaciona para satisfazer as suas necessidades. Friederichs⁶ identifica que a percepção das áreas das cidades estaria associado ao fator Comunicação, que exerceria especial interferência na representação dos espaços.

1. Como são apreendidos estes espaços de ação por parte dos habitantes? Eles recortam os espaços de acordo com os recortes administrativos funcionais obviamente reconhecidos, ou eles recriam e reconhecem estes novos recortes dentro de suas atividades cotidianas?

2. Que fatores na gênese socioeconômica e espacial colaboram para a estrutura destes espaços de ação?

3. Como os componentes de ordem psíquica, tais como aqueles representados a partir da percepção, como sentimento de pertencimento a lugares, enraizamentos herdados, ou elos criados, entre outros atinentes a questão, colaboram na construção destes espaços de atividades e interações.

4. Até que medida esses componentes são construídos da relação do indivíduo com o meio, ou são decorrentes de heranças culturais. Nesse sentido, onde residiria a dinâmica urbana na sua influência sobre os usuários da cidade. Como esses componentes permitiriam o reconhecimento das permanências, das resiliências e das novas criações no Espaço de ação?

Este tipo de investigação conduz à “Análise Espacial”, no concernente ao objetivo de compreender e esclarecer as expansões e conexões humanas dentro dos círculos de motivações sociais⁷. Estendendo este princípio, que norteou a Análise Espacial na geografia, Bahrenberg⁸ enfatizou a importância que o estudo dos comportamentos poderia representar para os planejadores da cidade, em especial associada à Geografia do Tempo, cujos parâmetros de estudos envolvem análises de pressões/obrigações a que o indivíduo encontra-se submetido, compreendendo desde às necessidades fisiológicas (capability constraints), por exemplo a necessidade de se alimentar, de dormir, passando pelas limitações de tempo com o trabalho (coupling constraints) até àquelas determinações estabelecidas por compromissos com pessoas isoladas ou grupos (authority constraints).

Tendo como pano de fundo essas inquietações procurei conduzir um trabalho de pesquisa – cuja sinopse ora apresento – tendo como objetivo a discussão dos entendimentos dos usuários da cidade do Recife acerca dos

elementos significativos nas áreas por eles vivenciadas ao longo das diversas intervenções públicas e privadas de porte promovidas nesses espaços, destacando trocas de relações entre os seus moradores, frequentadores e demais usuários. A pesquisa utilizou três recortes espaciais – denominados Eixos – da cidade do Recife como focos de investigação.

No primeiro momento da pesquisa situei o quadro de evolução da cidade do Recife, discutindo historicamente os marcos significativos do processo de ocupação da cidade construída frente aos condicionantes físico-naturais. Estes aspectos da “construção do urbano” na cidade permitem a aproximação necessária à compreensão dos seus Eixos urbanos e suas imbricações na escala maior onde se inserem, bem como fornecem “pistas” indicativas que levaram a seleção dos Eixos de estudo.

Esses Eixos da cidade foram investigados à luz da perspectiva da geografia social e da percepção. Sendo cotejados a partir de duas questões centrais:

a. Como foram estruturados os espaços de ação dos usuários destas partes da cidade, (grupos sociais e indivíduos) no campo de atendimento às suas necessidades e de suas relações sociais. O que esses espaços evocam, tanto pelo que já representaram para esses usuários, como para o que comportam nas tendências futuras. Que relações e entendimentos se estabeleceram entre esses usuários e os elementos físico-naturais, ao longo do quadro de intervenções urbanas promovidas e potenciais para estes espaços.

b. Até que ponto podem oferecer os aspectos extraídos da percepção, valoração e identificação desses usuários, aportes para esclarecimentos, que suportem novas discussões acerca do reconhecimento de que existem “compreensões” distintas da idéia de natureza na Cidade. A decalagem entre o que se propaga nos “discursos ambientais”, e o que se promove de fato na Cidade, encontra na captação das apreensões pelo senso comum fortes indícios reveladores de suas distorções. A evidência do desconforto com a Cidade e seus problemas urbanos, bem como a alusão à necessidade de “preservação ambiental” são recorrentes, porém situadas à margem de um tratamento mais aprofundado que contemplem a subjacente questão da “Natureza” da e na Cidade.

As questões expostas, e os instrumentos necessários a sua investigação, reivindicaram o manuseio de métodos quantitativos e qualitativos. O encaminhamento desta pesquisa ratificou a hipótese que só a composição dos métodos quantitativos e qualitativos podem oferecer saídas, enquanto instrumentos, para uma maior aproximação do que se passa hoje na cidade, particularmente na cidade do Recife.

Na primeira parte da pesquisa foi analisada a configuração espacial da cidade do Recife, bem como as grandes unidades ambientais, as divisões da cidade em Regiões Político-Administrativas (RPA's), e os segmentos viários significativos da Cidade. O intuito dessa apresentação foi mostrar as macropeculiaridades dos diversos espaços da Cidade, com vistas a permitir melhor situar os Eixos e seus respectivos encaixes não Recife, como um todo. Esclarecendo que cada um dos três Eixos compreende Quarteirões, se situando em Bairros, que por sua vez constituem, em conjunto, as RPA's.⁹ Com o uso desta terminologia buscou-se evitar problemas de confusão e equívocos sobre o que se quer transmitir, ou de que Eixo se está falando. Além de revelar o caráter e papel desempenhado pela dimensão e equipamentos de cada espaço desses investigados no conjunto dos 214,92 Km² da cidade¹⁰.

A segunda parte consistiu em reflexões acerca da Natureza da Cidade, das relações sociedade-natureza dentro da evolução do pensamento geográfico, e das compreensões sobre o que vem a ser Paisagem e suas diferentes aplicações no panorama geográfico e posteriores apreensões por parte das disciplinas afins.

A terceira parte da pesquisa compreendeu o exercício das possíveis formas de apreensão dos elementos configuradores de paisagens, a partir dos entendimentos dos seus usuários. Os três Eixos pesquisados na cidade do Recife, são apresentados segundo a utilização de princípios e métodos quantitativos e qualitativos na análise de espaços intra-urbanos da Cidade. As formas de representação dos Eixos e seus elementos significativos são explorados nesta parte do trabalho, compreendendo a literatura (poesias, crônicas e poemas), relatos de viajantes, fotografias e expressões capturadas ao longo das entrevistas e questionários realizados. O trabalho é ilustrado com mapas, gráficos e quadros que buscam contribuir para a representação das Paisagens identificadas nos três Eixos analisados.

Aproximação com alguns Princípios e métodos

As formas de trabalho em bases quantitativas e técnicas permitem a construção de hipóteses com base na realidade, enquanto que sob procedimentos qualitativos são trabalhadas as pesquisas empíricas através de diversas formas de intensas entrevistas. Cabe destacar que antes mesmo das discussões acerca da relatividade do princípio quantitativo ser discutido no âmbito das ciências sociais, a forma de pensar, obrigatoriamente científica, foi criticada por Adorno¹¹, visto os seus grilhões científicos amarem, em suas próprias regras, o controle e a liberdade do livre pensar.

A crítica ao uso exclusivo de métodos científico-matemáticos se situa especialmente na distância, frente à realidade, assumida pelos pesquisadores, que desconsideram informações de caráter subjetivo, ou não se aprofundam em questões interessantes para as quais os modelos não oferecem respostas. Esta situação pode em casos extremos assumir o seguinte aspecto: a pesquisa ser orientada pela capacidade de atendimento do método, e não pelo problema do objeto em si¹². Por outro lado, os pesquisadores de trabalhos regionais em bases qualitativas, padecem constantemente da dúvida da legitimação de suas pesquisas, e tendem a transferir modelos metodológicos das ciências naturais para as ciências sociais. Estes modelos baseiam-se no princípio da falsificação, sob os quais os usos de hipóteses são confirmados ou negados.

Nesse sentido, se faz interessante apresentar os caminhos conduzidos tradicionalmente na pesquisa regional empírica. O qualitativo parte da identificação regional enquanto momento subjetivo, passando pela análise das interdependências com o quadro da vida, aportando na compreensão da totalidade e das interdependências, chegando a um caso especial isolado, até o objetivo do conhecimento. O procedimento quantitativo parte da escolha racional de componentes regionais, chega à determinação de uma amostra deste componente, se constrói uma análise conceitual deste componente, se compara com a realidade e se atinge o objetivo do conhecimento.

Ao lado destes caminhos apresenta-se uma terceira via, através de Zehner¹³, que parte de tipos empíricos regionalizados escolhidos consciente e racionalmente, leva até a tipificação do Meio Empírico, conduzindo a uma análise comparativa teórica da tipificação, até chegar na construção sistemática de casos comparativos, atinge-se aí o objetivo do conhecimento.

Como pano de fundo de sua forma de trabalho, e do tratamento para seu objeto de estudo orienta-se o pesquisador qualitativo cada vez mais para maior proximidade com o campo de vida do seu objeto, sem com isso perder a capacidade crítica de análise e revisão dos seus princípios e hipóteses.

O campo de atrito da crítica aos métodos qualitativos se pauta na dificuldade de se generalizar os dados e resultados alcançados, com uma representação convencional. Este campo se estende desde a quantificação do tratamento dos dados das entrevistas abertas. No primeiro caso a vantagem se situa nas entrevistas abertas, através das quais a capacidade de expressão dos questionados não é limitada, porém esta capacidade de expressão também deve ser observada sob um ângulo crítico para que esta expressão não conduza a um segundo tipo de uso de informação, a partir do qual o material produzido seja classificado segundo códigos cifrados de antemão induzidos ou determinados.

Existem alguns autores que buscam a adoção de princípios com vistas a generalização da representação dos dados alcançados na pesquisa qualitativa. Entre eles se destacam, na Geografia alemã, componentes do chamado time de Oldenburg, quais sejam: E. Chai, D. Hagen, J. Hasse e R. Krüger¹⁴. Este time de Oldenburg busca pesquisar através da Geografia Cultural, o cotidiano e a identidade, numa região do sul do Tirol, usando hipóteses baseadas na interpretação hermenêutica das entrevistas, caminhando para um terceiro passo que seria uma avaliação comparativa em cima de questões elaboradas sob hipóteses induzidas.

Na realidade a controvérsia sobre os limites das possibilidades dos métodos quantitativos e qualitativos é ampla e bastante polêmica, não sendo o objetivo deste trabalho o esgotamento de cada uma das vantagens e limites no uso do método escolhido. Cabe destacar que este trabalho de pesquisa guardou sempre o propósito de reafirmar que dependendo do objetivo, da área de estudo e dos recursos ambos os métodos oferecem suas contribuições, sendo o maior desafio estabelecer um jogo dialógico frutífero e conseqüente com os nexos que ambos métodos oferecem.

Pressupostos e pistas metodológicas para a realização da pesquisa

Convencionou-se adotar o quadro de desconforto das cidades – a desumanização de seus espaços e a perda da qualidade de vida – como

tributos decorrentes do “processo de urbanização” e “evolução dos espaços urbanos”. Esforços no sentido de ultrapassar esse estado de desconforto como inerente à complexidade dos espaços urbanos, e historicamente inevitável, remetem à tese acerca da inospitalidade das cidades, defendida por Mitscherlich¹⁵ na década de 60 do século XX. Esta tese, advertindo para a necessidade de serem investigadas as mudanças de comportamento e as reconstruções de vínculos sócio-espaciais nas cidades, lançou bases para discussões acerca do caráter hospitaleiro ou não desses espaços urbanos, em função do atendimento às necessidades psicossociais dos indivíduos que nelas habitam ou que com elas interagem.

Quase 50 anos da elaboração dessas reflexões e, considerando a massiva concentração ao longo de diversas gerações de população nesses espaços urbanos, por si sós dinâmicos, acrescem-se outros tipos de discussões que ratificam a necessidade de revisitação da cidade na perspectiva da subjetividade de suas construções.

Nesse âmbito, há de se ressaltar que aspectos relativos à percepção dos usuários acerca das cidades e seus elementos construídos e físico-naturais ainda continuam sem maiores considerações¹⁶ no nível de ações efetivas. O não privilegiamento desses aspectos não os suprime. Antes, assumem formas de expressão que podem também ser interpretadas como reação por parte dos usuários das cidades, que carecem de maiores considerações e estudos, inclusive do ponto de vista metodológico.

O desenvolvimento conceitual e metodológico da Geografia Cultural/ Geografia Social antecipou, depois da Segunda Guerra, que o Homem – também dentro da cidade – seria o foco das disciplinas e das pesquisas. Com isso, passou a Geografia Urbana de uma fase de levantamento¹⁷, projetos e estabelecimento de cidades projetadas, seguida de uma fase de pesquisa voltada para a funcionalidade¹⁸ e relação entre espaços da cidade, para uma fase bem mais além, ou seja, em direção à análise social da cidade. A mudança acerca deste entendimento se desenvolveu sob a influência da Escola de Chicago que, surgindo entre as duas guerras, ocupou-se com o estudo dos indivíduos na cidade¹⁹.

A base para isso seria um inventário abrangente, preenchido com características sociais e demográficas da população, em cima de bases estatísticas, dos censos populacionais, projeções levantadas, etc. Segundo

este princípio, permanece a ocupação com a cidade e sua população, até hoje, orientando a Geografia Urbana, a partir da perspectiva analítica de seus espaços sociais.

Este tipo de investigação conduziu à apreciação de pontos de vista que até então não haviam sido considerados, ou seja, à interdependência entre a qualidade da satisfação dos indivíduos e os espaços da cidade. Aparece, assim, uma nova pista na análise dos microespaços das cidades, envolvendo não só a investigação das condições objetivas de vida, mas e, também, os níveis de satisfação subjetiva.

Dessa forma, depreende-se que privilegiar tão somente uma perspectiva de análise, quantitativa ou qualitativamente, leva a um quadro de parâmetros insuficientes para partir em direção à compreensão da totalidade interna e/ou externa do espaço investigado. Afinal, ao lado da importância dos dados objetivos matemático-estatísticos, é inegável a perspectiva de abrangência da cidade obtida pelo conjunto de microespaços levantados a partir do consciente qualitativo dos habitantes de bairros das cidades. Assim, demarcase um elevado objetivo somente passível de aproximação através de métodos, com a ajuda de entrevistas e questionários.

A valorizada visão a respeito das informações, procedimentos e prognoses sobre a cidade, segundo a análise de seus bairros, através da Geografia Social, Geografia Urbana, Sociologia, Sociologia Urbana e Etnologia²⁰, esta, principalmente, deixa claro que qualquer pesquisa sobre a cidade, independente das diferentes concepções e perspectivas disciplinares, deverá dar-se através do reconhecimento e valorização da prioridade dos indivíduos nas partes da cidade; por meio de sondagem das condições de interdependência e inter-atuação do meio físico; da história das construções da cidade enquanto obra, da história da relações entre o uso e a propriedade do solo erigida, bem como do meio social com a estrutura demográfica, econômica e social; e, por fim, a apreensão e a captação da posição ou lugar que esta parte da cidade ocupa no conjunto maior da cidade, segundo a perspectiva dos seus habitantes.

À essência dos indivíduos²¹, pertence uma consciência, enquanto conteúdo geral de uma experiência direta/objetiva; vivência de sentir, desejar, pensar, imaginar, lembrar, ordenar, esquematizar e avaliar, inclusive, permitindo-o abranger a totalidade ou unidade. Em sua condição

antropológica, o indivíduo possui ainda capacidade/ talento para se expressar. A expressão verbal pode no conteúdo do seu pensamento, é adquirida de fora para dentro, o que acarreta encontrarem-se diferentes capacidades de expressão/ manifestação, limitadas a partir da exploração do conteúdo do seu consciente, por exemplo, o julgamento ou avaliação da qualidade dos espaços que utilizam para o exercício do atendimento às suas necessidades. Por outro lado, todo indivíduo tem também uma essência territorial. Portanto, sua ligação espacial se constitui não só no nível racional, na perspectiva de atendimento às suas necessidades materiais no espaço vital da cidade ou de seus bairros, mas também no nível emocional, em sua ligação com o espaço, no sentido de “seu lugar”, ou seja, sua identidade com o espaço²².

Parte importante são as necessidades psicológicas e fisiológicas do indivíduo. Em geral, as necessidades psicológicas – auto-realização, estima, filiação (sentimento de pertencer a algo ou alguém) e segurança – se sobrepõem as necessidades fisiológicas – comer, dormir, etc. A espacialidade representa um especial e relevante papel no levantamento das informações sobre o comportamento²³ e atitudes do indivíduo, devendo, por isso, ser trabalhada de forma independente na investigação dos espaços da cidade e relacionadas às respectivas áreas espaciais onde elas se realizam²⁴. O emocional e o racional, além do livre arbítrio, no sentido antropológico, conduzirá à apreensão, percepção e representação que o indivíduo construirá nesses espaços²⁵.

Os levantamentos e estudos sobre essas representações pressupõem a consideração das distintas posições ocupadas pelo indivíduo nas diferentes fases da sua vida, nos dados estatísticos sociais, nas estruturas sociais típicas da cidade e de seus bairros. Além disso, ainda se encontram diferenciações sociais, sobretudo no nível de formação profissional e relação de salário e rendimentos. Coexistem nas cidades e em seus microespaços públicos e privados, pessoas de níveis sociais diversos, com exigências e necessidades diferenciadas, que se situam em diferentes fases da vida, e que se distinguem principalmente pelas diferentes faixas etárias e status socioeconômico.

O desenvolvimento socioeconômico de diferentes partes ou bairros de uma cidade representa uma condicionante indispensável, quando se busca levantar a percepção e representação dos usuários de espaços na cidade, tendo em vista a latente comparação e a hierarquia que o indivíduo

inevitavelmente estabelece, tomando como referência os espaços de seus usos mais freqüentes e o atendimento às suas necessidades. Isto é válido especialmente com relação à tipologia do construído²⁶ e às diferentes zonas residenciais e seus respectivos status econômicos dentro do quadro comparativo da cidade.

A localização do bairro quanto à sua evolução histórica da cidade, tem uma grande importância neste contexto²⁷. Através da experiência e do conhecimento acumulado, existe sempre a expectativa de se encontrarem nos bairros do centro da cidade equipamentos físicos bem diversificados e de atendimento favorável às necessidades, infra-estrutura moderna e em bom estado de conservação; a existência de comércio a retalho ou não; e ofertas de serviços diversificadas. Por outro lado há também a expectativa de se constatarem nos corredores de saída desses bairros, ou especificamente nas suas principais artérias, tráfegos densos e congestionados, poluição sonora, atmosférica e visual, e transtornos correlatos.

A transição do centro para o subúrbio, ou vice-versa, de acordo com alguns autores, apresenta espaços de intermediação; estes espaços têm características diferentes quanto à sua composição socioeconômica, apresentando expectativas de uso e atendimento às necessidades específicas dos usuários no contexto da evolução da cidade estudada, fatores que reivindicam aprofundamento de estudo sobre a gênese e evolução do espaço posto, quer seja numa perspectiva endógena quanto exógena e articulada aos demais espaços da cidade.

A investigação de bairros da cidade, dentro do atual ponto dos estudos encaminhados, acena, entre outras questões, para a seguinte reflexão: como o indivíduo, no centro, na zona de transição, ou no subúrbio, dá um sentido de realização, dentro da sua posição e papel na sociedade, às suas necessidades e exigências frente aos espaços que utilizam mais freqüentemente? Como se colocam estas necessidades do ponto de vista das intervenções públicas e privadas que impliquem em transformações dos espaços de seu cotidiano? A partir dos determinantes antropológicos do comportamento dos indivíduos, suas condições e estruturas sociológicas, e os determinantes do meio físico – construídos ou não – deve-se esclarecer que a vida nos diversos lugares e não-lugares da cidade é uma combinação complexa, uma multi-espectral troca de fenômenos e fatos culturais e naturais²⁸.

Deve ser reconhecido que, para se alcançar as relações sistemáticas envolvendo o meio físico, social e o emocional-afetivo dos indivíduos, devem ser, as partes da cidade, analisadas e pesquisadas como “mundo vivido”, no sentido de Husserl – através do qual as complexas relações ou pistas dessas relações possam ser esboçadas ou, no mínimo identificadas. Reside na consideração desses aspectos, aliados aos de ordem objetiva consumadas ou passíveis de serem levantadas em dados e estatísticas da/na cidade, uma possibilidade de maior aproximação com os fenômenos contemporâneos urbanos das cidades.

Pistas conceituais para a investigação do “mundo vivido”

A partir da gênese da cidade, considerando os seus fatores físico-naturais e de localização, são realçados os marcos significativos da sua evolução. A apropriação econômica desses espaços, com o estabelecimento de usos, numa perspectiva dinâmica²⁹, imprimem valores de trocas, atribuindo distinções, selecionando espaços e singularizando microespaços dentro da cidade, que suscitam, reciprocamente, representações oriundas de indivíduos e grupos sociais.

A construção das gêneses desses espaços da cidade é produto, precipuamente, de ordens próximas e de ordens distantes³⁰, com forte predomínio destas, que através do conjunto de suas práticas e intervenções tendem a reduzir a influência das primeiras ao nível da esfera local e residual, sublimadas e até desconsideradas, por que não dizê-lo, no contexto técnico-científico dos trabalhos e estudos voltados ao planejamento sócio-espacial da cidade.

A análise da representação contemporânea desses espaços e do conjunto de percepções pressupõe o apanhado das raízes históricas que contribuíram e contribuem para a sua construção, através da qual se obtém, inclusive, subsídios para consideração dos parâmetros de avaliação dos julgamentos subjetivos das relações estabelecidas pelos usuários frente aos atributos físico-naturais, elementos construídos e intervenções planejadas ou empreendidas nos microespaços da cidade. A esses aspectos se agregam outros indicadores de satisfação ou insatisfação dos usuários com a cidade e seus espaços.

Esforços no sentido de recuperar as representações e percepções da evolução desses microespaços esbarram nos limites dos dados e relatórios oficiais, de um lado, e nas versões oficiais das histórias de intervenções conduzidas pelos poderes públicos. Do ponto de vista do senso comum, os jornais apresentam possibilidades de obtenção de informações, com restrições, em virtude das limitações em face de seus recortes político-espaciais e das especificidades desta fonte de informação. (Salvo fatos extraordinários, a pesquisa histórica registra concentração de enfoques de notícias nos bairros centrais).

Sob a perspectiva histórica de recuperação da evolução dos microespaços da cidade, segundo as percepções e representações por parte dos seus usuários, passa a constituir a literatura, um ponto de partida valioso a ser considerado. Ao lado da literatura, os registros iconográficos constituem-se em pressupostos indispensáveis à recuperação da gênese da cidade e de seus microespaços, numa perspectiva da sua evolução.

O levantamento das edificações³¹ e de sua evolução pode estabelecer uma boa análise de parte do universo físico da vida dos indivíduos no microespaço (quer seja bairros, ou outra divisão considerada) estudado. Pode-se abranger a história das construções e descrevê-las posteriormente, a partir da cartografia e da consulta em órgãos de planejamento, visitas e pesquisas em arquivos públicos, investigação em documentação pública e privada.

A estrutura social e demográfica dos respectivos microespaços apresenta-se como um ponto de partida para o julgamento da qualidade de vida e investigação do sentimento de vinculação nutrido pelo habitante em relação ao bairro onde ele mora ou que utiliza. As faixas etárias predominantes fornecem, junto com a posição do indivíduo na fase de sua vida, pistas importantes para analisar a escala da qualidade de vida, assim como as diferenças individuais, segundo a formação e capacidade econômica. A escolha das pessoas a serem pesquisadas – no ramo das possibilidades técnicas, financeiras e pessoais – deve ser efetuada com o apoio de dados estatísticos oficiais, típicas estruturas sociais, praticamente partindo-se das faixas etárias predominantes, em combinação com outras características sociais.

Deve se ter claro que, através das perguntas – face às diferentes formas de expressão e capacidade de reflexão das pessoas – não se pode atingir a

real capacidade consciente dos entrevistados. Deve-se levar em consideração, também, que em cima das grandes diferenças individuais, ao se usar uma escala de entrevista, não se pode nunca ter expectativas de que estas diferenças e especificidades sejam dados representativos em si mesmo. O pesquisador deve dar-se por satisfeito com alguns cortes. Além disso, deve ser levados em conta, no julgamento dos habitantes, o efeito psicológico da circunstância individual e contexto social vivido pelo entrevistado; ao lado disso, as condições da realização da entrevista e da aplicação de questionários, não necessariamente, guardam convergências com as disponibilidades e interesses dos entrevistados. Dessa forma, os dados/informações dos habitantes que vivem/usam já há muito tempo os lugares objeto de pesquisa, devem ser analisados com cautela, pois muitas vezes não são quantificáveis e dentro de critérios subjetivos. Ficam, portanto, susceptíveis de apreciações mais elaboradas e carentes de complementos esclarecedores por parte dos entrevistados, nem sempre reconciliáveis.

Pesquisa de representação do Recife em três Eixos urbanos

Avançando com estas preocupações e dando prosseguimento ao conjunto das discussões conduzidas, foram concentrados esforços na identificação de microespaços na cidade do Recife, de onde se poderia partir para a realização de exercícios exploratórios que permitissem a captura das dimensões subjetivas de seus usuários e viessem a fornecer aportes que justificassem a importância da inserção dessa perspectiva no conjunto de análises convencionalmente acolhidas. Assim, foi empreendida uma investigação na cidade do Recife, considerando três modalidade de bairros diferenciados.

Face aos paradigmas teóricos levantados, foram delimitados alguns focos da pesquisa: bairros residenciais centrais e dois outros situados em subúrbios residenciais ou em zona de transição.

Dentro dessas três tipologias de bairros, e coerente aos propósitos da pesquisa, que visa a dar recortes da apreensão desses espaços por parte dos seus usuários, e, considerando o enfoque dos elementos físico-naturais contextualizados historicamente ao longo da evolução dos usos e ocupações

desses microespaços, foram privilegiados novos recortes espaciais na forma de Eixos, eleitos nesses bairros.

A combinação dos elementos físico-naturais e dos segmentos viários construídos, ao lado dos equipamentos determinantes da estrutura urbana, configuradores do meio físico sobre os quais se desenvolvem o meio sócio-espacial dos usuários, numa perspectiva do seu histórico e potencial de intervenções, constituiu-se na justificativa da seleção desses recortes de investigação, conforme pode ser constatado na caracterização de cada um deles. Cabe destacar que estes recortes não constituem contrapontos a tese de análise global da cidade, de forma que se buscou contextualizá-los na história da evolução da cidade, a partir do que se convergiram esforços na análise de cada um desses microespaços, doravante simplesmente trabalhados como Eixos.

A pesquisa sobre esses Eixos se desenvolveu em três categorias de bairros. Assim, por exemplo, na categoria de bairros centrais do Recife foram estudados: o bairro do Recife e o bairro de Santo Antônio; na categoria de bairros situados em zona de transição foram parcialmente pesquisados: o bairro de Santo Amaro e do Salgadinho, este situado já no município metropolitano de Olinda, particularmente caracterizado em área de conurbação, onde os equipamentos públicos de uso comum e infra-estrutura viária funcionalmente subvertem limites e divisões político-administrativas; na categoria de bairros tipo-subúrbios foram trabalhados parcialmente os bairros de Boa Viagem e Imbiribeira. Buscou-se realçar as informações relevantes ao longo da história de cada um desses bairros, que contribuíssem à análise dos Eixos selecionados para investigação dentro da cidade.

A linha da pesquisa foi a mesma para todos os bairros, sendo aplicados questionários cujos conteúdos foram concebidos considerando as especificidades de cada bairro, as intervenções significativas e os ritmos de deslocamentos e utilizações dos Eixos. O tratamento e a interpretação desses questionários foram acompanhados de análise de material iconográfico (mapas e fotos) que ilustram e subsidiam o conhecimento sobre os Eixos investigados.

Nesta pesquisa, foram atingidos alguns importantes objetivos, tais como: apresentação da história da construção dos Eixos pesquisados enquanto base material sobre a qual se fundamentam as pesquisas; dados sobre as características socioeconômicas objetivas dos habitantes, segundo bases

estatísticas; informações sobre procedências dos entrevistados; tempo de conhecimento do entrevistado do Eixo pesquisado; relação estabelecida com o Eixo na perspectiva da história do entrevistado, elementos significativos/marcantes no Eixo (na dimensão físico-natural, emocional, socioeconômica e do ambiente construído).

Também se buscou ter uma perspectiva da qualidade de vida objetiva, no julgamento de seus habitantes, quanto a detecção de uma consciência emotiva em relação aos Eixos inseridos nos bairros pesquisados³²; ou seja, no mínimo, a noção de pertencimento a esses microespaços; escala comparativa deste Eixo em face de outros, bem como a expressão do sentimento das territorialidades exercidas ao longo das práticas cotidianas realizadas nesses Eixos. Para a obtenção desses diferentes resultados foi procedida pesquisa através de imprescindíveis contatos efetuados intensivamente, no sentido da representatividade dos depoimentos, testemunhos, declarações, sem que houvesse intervenção precedente capaz de conduzir as respostas.

A pesquisa baseou-se em fontes históricas, materiais iconográficos (mapas), levantamento de fotos antigas e busca de ângulos iguais ou similares na realização de fotos novas que pudessem subsidiar a ilustração das transformações promovidas nos Eixos investigados, e sobre os quais foram solicitadas as representações e julgamentos dos entrevistados. Ao lado disso, foram pesquisadas literaturas secundárias, bem como efetuados levantamentos e seleção de poesias e crônicas que, publicados ao longo da história da cidade do Recife, pudessem contribuir para a compreensão das representações de paisagens amplamente difundidas na população, reconhecidas a partir dos questionários e entrevistas realizadas nos Eixos.

Cabe ressaltar que, a despeito da simultaneidade no levantamento do material de pesquisa histórico e documental anteriormente citado e da realização de entrevistas e questionários, os enriquecimentos exibidos ao longo da interpretação dos resultados das representações, entendimentos e outras impressões levantadas dos Eixos, por parte dos entrevistados, foram efetuados posteriormente. Nesse sentido, faz-se necessário enfatizar que não foi imposto, na realização das entrevistas e questionários, nenhum tipo de representação que pudesse condicionar as respostas dos entrevistados e a emissão de suas avaliações e julgamentos.

A Tese de Mitscherlich muito auxiliou enquanto ponto de partida e reflexão para o desenvolvimento desta pesquisa, ao apoiar que, numa perspectiva de tratamento científico da cidade, tanto o meio físico do indivíduo quanto as suas relações sociais e econômicas são importantes, e que estas refletem e são refletidas pelas representações construídas pelos indivíduos e/ou absorvidas por eles e agregadamente reproduzidas, no contexto cultural em que se inserem.

A despeito dessas contribuições, em especial considerando a perspectiva da inospitalidade ou não da cidade, segundo os critérios subjetivos da representatividade dos seus usuários, Mitscherlich, ao considerar globalmente a cidade, não se deteve aos microespaços da cidade e suas singulares variações entre si e em si³³. Por exemplo, nos centros da cidade existem também espaços residenciais ao lado dos comerciais; assim como no subúrbio podem existir espaços industriais ao lado dos residenciais e comerciais de diferentes proporções³⁴.

Desta observação, deduz-se que uma investigação sobre a cidade deverá contemplar seus diferentes espaços e especificidades; por sua vez, estes conduzem a diferentes julgamentos e perspectivas de seus usuários na elaboração de suas paisagens e na promoção de suas relações para com estes espaços capturados nos e pelos seus cotidianos. Assim, nesta pesquisa, foi buscada a singularidade dos espaços, a partir deles mesmos, e não genericamente.

Em um trabalho científico sobre a cidade e seus bairros, envolvendo supostas ou futuras relações e sentimentos de julgamento e valor sobre conforto, bem-estar, ou inospitalidade desses espaços, deve haver um esforço para se extrair a concepção dos próprios habitantes da cidade, e não deixar que elas partam do investigador, ou evitar que haja condução do julgamento ou valor que se quer apurar.

A estrutura de apresentação dos resultados da pesquisa em cada Eixo enfatizou os seus respectivos aspectos peculiares frente aos bairros onde se inseriam. A estrutura comum das abordagens privilegiou a seguinte seqüência:

Eixo (localização) origem, história, e dinâmica de uso e ocupação

- o sítio e a situação;
- o distrito administrativo ou circunscrição administrativa da cidade; e
- representações nas gravuras e desenhos esquemáticos;

- representações nos poemas, poesias, crônicas e relatos dos viajantes;
- exercícios de comparação de registros fotográficos (fotos antigas e novas)

- exercícios de comparação de mapas e cartas antigas;
- vista geral e a inserção do Eixo no conjunto da cidade;
- justificativa da escolha do Eixo;
- elementos físico-naturais mapeados no Eixo;
- sistema viário;
- intervenções públicas e privadas relevantes;
- uso e ocupações predominantes ao longo do Eixo.

O Eixo enquanto subjetivo do mundo vivido

- justificativa da amostra de entrevistados selecionada;
- perfil dos entrevistados;
- finalidade e tempo de permanência;
- tempo de conhecimento do Eixo, recordações informações sobre ele;
- representação do Eixo como lugar de diversão e lazer;
- elementos significativos no Eixo;
- importância dos elementos físico-naturais existentes no Eixo;
- níveis de interesse em participar de discussão sobre o Eixo;
- expressões e avaliações acerca do passado e do futuro do Eixo;
- julgamentos comparativos com outros espaços da cidade; e,
- indicações de problemas e apontamentos de alternativas.

Proporcionalmente a cada Eixo, foram aplicados diferentes composições e números de questionários, cujos horários e dias de aplicação guardaram afinidades com as características de uso e ocupação dos Eixos e com o perfil da amostra dos entrevistados.

Num universo de 96 bairros na cidade do Recife, que somam uma população de 1.240.000 habitantes, foram pesquisados, de forma parcial, em virtude de serem Eixos os recortes espaciais privilegiados, seis bairros.

No Eixo 1, foram aplicados 360 questionários com passantes, que se deslocaram por um eixo de 2Km, os quais correspondiam a dois trechos

denominados A e B, respectivamente, os bairros do Recife e Santo Antônio, interligados por uma ponte sobre o Rio Capibaribe.

Em média, a aplicação de cada questionário demandou cerca de 10 minutos do entrevistado, cujo perfil correspondeu à amostra aleatória, ao longo dos 3 meses de duração da pesquisa de campo (Janeiro a Março de 1995), concentrados em 3 dias úteis da semana, no horário de 10:00 às 13:00.

O número de questionários foi estabelecido, partindo de um trabalho exploratório prévio, onde foi computado o número de passantes em cada extremidade da ponte que interliga os dois bairros, a partir do que se elegeram 10% do número total alcançado pela média dos passantes contados.

O horário de aplicação, entre 10:00 e 13:00, atendeu ao critério associado à intensidade de circulação dos passantes-usuários do Eixo e, de uma forma mais ampla, do bairro. Mais uma vez, a singularidade do uso e ocupação do Eixo, ou seja, a concentração de atividades bancárias e de serviços, além de funcionar como eixo de circulação de acesso e deslocamento dos que utilizam transportes coletivos, determinou a pesquisa.

O Eixo 2, correspondente ao espaço de circulação do Complexo Viário Salgadinho e o entorno apropriado para implantação de um parque denominado Memorial Arcoverde, situa-se como zona de transição urbana entre a cidade do Recife e o município metropolitano de Olinda.

A característica de circulação, que justificou o recorte selecionado, oferecia múltiplas opções para determinação de uma amostra de usuários a serem investigados nesta pesquisa. Poder-se-ia partir dos usuários de transportes coletivos, com a aplicação de questionários em pontos de ônibus ou seus terminais; ou partir de investigações junto aos usuários desse Eixo que utilizam transportes particulares e, daí, serem efetuadas aplicações em postos de gasolina, por exemplo.

Seriam investigados também, os usuários dos equipamentos públicos e privados situados no entorno do Eixo, tais como: estudantes da Escola de Aprendizes Marinheiros, ou freqüentadores do Centro de Convenções, ou também do Play Center. Outra alternativa, entre tantas outras possíveis para realização dessa pesquisa, seria efetuar subamostras, através da seleção de moradores de bairros que se interligam através desse Eixo, conforme pode se constatar nos mapas e desenhos referentes ao entorno do Eixo.

No entanto, considerando os propósitos de diversificar a base de exercícios de investigação, e com a finalidade de não determinar aprioristicamente os usuários, segundo o meio de transporte, bem como faixa etária e nível socioeconômico, entre outros relevantes critérios, optou-se por extrair a amostra a partir de um local que congregasse a maior diversidade de usuários, com variadas procedências, tempo de conhecimento do lugar, tipos de ocupação, entre outros aspectos, com diferentes perfis socioeconômicos, mas que guardassem em comum algum tipo de afinidade, tais como a instrução, ou nível de formação.

Dessa forma, e com base numa experiência anterior realizada por Hard – onde ele se apóia na percepção dos estudantes de nível secundário para analisar o quadro de satisfação e de elementos marcantes na cidade de Osnabrück – Alemanha – foi selecionada uma Instituição de Ensino Superior, denominada FUNESO, situada em Olinda, e, dentro dela, aplicados aleatoriamente 180 questionários junto a alunos de diferentes cursos, no intervalo de dois turnos (noturno e vespertino), durante o mês de junho de 1996.

O Eixo 3, correspondente às margens do Canal Jordão e o seu entorno, destaca-se por tratar-se de uma antiga área alagada e de manguezal, por onde fluía o Rio Jordão – um dos tributários da bacia do Pina. Este Eixo e seu entorno vêm sendo incorporados, na atualidade, ao complexo de expansão urbana do bairro da Boa Viagem – com elevada especulação imobiliária – que, pela esgotabilidade da sua ocupação, espalha-se em direção ao bairro contíguo da Imbiribeira – de características populares, mais especificamente, nas imediações deste canal, com ocupações desordenadas, sob a forma de barracos, as quais, integram parcialmente uma comunidade organizada denominada Entra-Apulso.

Do processo de ocupação do entorno desse Eixo, que contou com sucessivos aterros, também e inclusive, legitimados pela ação do poder público, nos níveis municipal e estadual, resultou a instalação de empreendimentos de grande envergadura como o Shopping Center, a abertura e infra-estrutura viária envolvendo desde vias locais até pistas marginais ao canal (a própria obra de canalização do citado Rio Jordão é um exemplo), bem como dois túneis e um complexo de viadutos (Viaduto Tancredo Neves).

A esse complexo se agregam as edificações com finalidades residenciais, como os conjuntos habitacionais Castelo Branco e Residencial Boa Viagem I e

II, e os depósitos e galpões comerciais e industriais, localizados à margem esquerda do Canal Jordão e em suas respectivas proximidades. Do lado direito do Canal, compondo o complexo de ocupação iniciado com a construção do Shopping Center, encontram-se edifícios com finalidades comerciais e de serviços, tais como o Empresarial Center I e II, e instalações bancárias.

A perspectiva de reestruturação sócio-espacial dessa área de expansão entre bairros, em especial a partir do projeto de urbanização Nassau, justificou a seleção desse Eixo. O conhecimento sobre os elementos físico-naturais – componentes genuínos desses espaços de intervenção urbana, tais como alagados e manguezais – e o entorno mais diretamente impactado com a intervenção proposta por este projeto, subsidiaram a delimitação do recorte efetuado para investigação. Tais fatores instigaram à reflexão acerca de como eram considerados estes espaços pelos seus usuários-freqüentadores, principalmente no quadro em curso de erradicação dos manguezais.

Mais uma vez aparece um farto elenco de possibilidades para seleção do lugar de aplicação dos questionários e eleição dos usuários entrevistados. Considerando a diversidade ofertada e o perfil das escolhas efetuadas anteriormente nos Eixos 1 e 2, foi privilegiada, neste Eixo, a amostra junto aos usuários-moradores das ocupações diretamente situadas nas margens do Canal, alvo de “negociações” para retiradas de população moradora, com vistas à implantação das obras “urbanizadoras” do canal, previstas no Projeto Nassau, conforme pode ser constatado na súmula histórica do Projeto Nassau, extraídas de notícias em jornais e acompanhamento dos Estudos e Relatórios de Impactos Ambientais, submetidos e licenciados pelo órgão ambiental competente.

Ao longo do mês de setembro de 1995, em dias úteis e finais de semana, foram aplicados 60 questionários nos barracos ainda remanescentes, até aquela data, às margens do Eixo investigado. Os resultados dos questionários foram objetos de cruzamentos e inter-relações, a partir do recurso ofertado pelo programa estatístico SPSS, aplicado a pesquisas em ciências mais expressivos, considerando as peculiaridades de cada Eixo e, principalmente, face às hipóteses norteadoras dos questionários aplicados, que resultaram na confecção dos gráficos a serem exibidos ao longo deste trabalho social. Dentre as diversas composições e associações possíveis, foram selecionados os resultados considerados.

A interpretação desses gráficos aliada à ilustração das “expressões” mais significativas registradas nas respostas emitidas, constituem-se no cerne do presente trabalho. Os mapas utilizados têm, entre outras finalidades, além de fornecer elementos para um possível resgate do processo de evolução dos usos e ocupações registradas nos Eixos, frente aos condicionantes físico-naturais e as “soluções” adotadas, o objetivo de facilitar a visualização das “Paisagens” captadas pelos entrevistados na perspectiva do passado, do momento da realização dos questionários e dos cenários aludidos nas respostas trabalhadas de forma agregada. Com a ilustração da metodologia de pesquisa de investigação adotada, que conta em anexo com mostras dos questionários utilizados, passa-se ao tratamento e análise dos resultados alcançados, segundo cada um dos Eixos.

Três Eixos da cidade do Recife através de recortes de suas paisagens

Nos espaços urbanos, as formas contemporâneas de apropriação territorial e o conjunto de práticas desenvolvidas encontram um caminho chave para sua compreensão no estudo das representações dos processos e relações sociais estabelecidas com e no quadro físico-natural, ao longo do processo histórico. As avaliações subjetivas dos usuários desses espaços apontam para elementos reconciliatórios com as representações, evidentes ou sugeridas, contidas nos registros (técnicos, artísticos, acadêmico-científicos, principalmente), sancionados e difundidos pela história oficial da sua evolução.

Os reencontros de marcas históricas, vislumbrados na representação e leitura da relação dos usuários com o espaço, não implicam na negação de novas inserções e contribuições dentro da construção e dinâmica inerentes à sociedade. No entanto, emergem como eixos estruturadores sobre os quais se vinculam as representações contemporâneas, revelando escolhas de passagens nos registros históricos, o que contribui para reforçar e justificar os interesses contextuais dominantes.

Algumas influências aparecem de forma sutil ou não, no jogo de cartas caracterizador dos espaços urbanos das cidades. Elas são refletidas nas práticas individuais e coletivas, públicas e privadas. Na perspectiva dos usuários, independentemente dos perfis socioeconômicos, essas influências

fazem-se presentes, principalmente, na investigação de representações dos espaços contemporaneamente vivenciados, quer seja na dimensão da cidade como um todo, quer seja na análise de seus microespaços. No tocante à cidade como um todo, e nos seus microespaços vinculados à sua gênese mais primitiva, os referidos reencontros são mais evidentes.

Neles, especialmente na atualidade, existe um culto e um incitamento à busca melancólica de resgate de um passado, obviamente eleito de forma convergente com os interesses dominantes. Laboriosamente, favorecem-lhes através de medidas urbanísticas devidamente conduzidas como redenção a este passado apelado, consolidações de novas representações, quase que inevitavelmente hegemônicas, sobre esses espaços.

As representações, como dito, pautadas em seleções prévias e articuladas com as novas contribuições contextuais e temporais que fazem as dinâmicas dos espaços, configuram as diferentes paisagens, construídas, simultânea e distintamente, na perspectiva dos seus usuários, diretos ou indiretos. Paisagens que assumem atributos atrelados aos interesses predominantes na perspectiva de quem as apreende. Poucos conceitos colocam tão plenamente em questão a idéia de um processo histórico linear e evidenciam com tanta polêmica a necessidade de se pensar o espaço, como aqueles abrangidos pela paisagem, que, conforme já foi trabalhado no referencial teórico, se insere e se move em diferentes níveis problemáticos de investigação³⁵.

Desse modo, podem ser prevaletentes representações sob a forma de paisagens, associadas à Natureza, no sentido dos seus atributos físico-naturais; bem como, e principalmente, são evocadas nessas representações as paisagens como artefatos, ou seja, vinculadas às ideologias dominantes, enquanto compostas de recursos materiais a serem explorados sob a forma da qualificação e requalificação de seus elementos estéticos, funcionais e atributos potenciais de exploração como capital.

Por outro lado, e a despeito da construção de elaborações pretensamente hegemônicas, determinadas pelas ideologias dominantes, e a cujas intervenções se sucedem subordinações de profundos e amplos espectros, subsistem as representações em paisagens como lugar de vivências e práticas associadas à existência do indivíduo ao longo da sua história.

Elas são resíduos e reminiscências que guardam especificidades de um passado mais próximo, de partes dos lugares que constituem os espaços

diversificados da cidade. Esses repertórios não são suficientemente longínquos, temporalmente, para comporem aqueles recortes históricos, alvos de seleção positiva ou negativa, por parte das ideologias dominantes; o que não implica que na medida da convergência dos interesses não sejam absorvidos alguns dos seus aspectos, no jogo das práticas que corroboram a paisagem como artefato e, mais constantemente, como paisagens enquanto abstração.

Assim, essas paisagens, enquanto lugares, compõem expressões literárias, acadêmicas e artísticas. Na perspectiva de paisagem, enquanto abstração, refletem lugares de desejos, folclores, hábitos do cotidiano singulares em si, de acordo com quem as vivenciou ou registra vivências em vias de desaparecimento, até como fenômenos deslocados do processo do seu entorno.

É interessante destacar que os recortes dos espaços da cidade, enquanto abstrações, abrangem as demais formas de representações de paisagens e, enquanto geradoras de imagens literárias, pictóricas e artísticas, de uma maneira geral, tendem a potencializar e não raras vezes a caricaturar os aspectos marcantes alvejados, alimentando representações e despertando novas interpretações. Entra-se, conforme brevemente aludido, num jogo de representações, no qual ao visível e contemporaneamente vivenciado, não é possibilitada a isenção para sua captura e representação por parte do indivíduo, nos planos psicológico e antropológico.

O rebatimento desse processo de representações sucessivas foi de forma ilustrativa analisado ao longo do tratamento dado aos questionários aplicados nos 3 Eixos de investigação desta pesquisa, realizada na Cidade do Recife, segundo recortes históricos seletivos no conjunto das práticas contemporâneas e das conseqüentes representações dos indivíduos e grupos sociais³⁶. Tributário de eventos e construções históricas, o espaço urbano, mesmo que pesquisado contemporaneamente, não se permite o desvinculamento das camadas sucessivas, e nem por isso homogêneas, harmônicas e combinadas, sobre as quais se assenta.

Empreendimentos de diferentes escalas temporais e espaciais relativos a práticas de expansão e aprofundamento do conhecimento detalhado e apropriação do mundo material são o substrato sobre o qual se confeccionam seus registros interpretativos, prenhes de representações e cortes seletivos, findando por se constituírem em referências. Esses registros, pontos de partida,

inclusive como representações e leituras, fincaram raízes na perspectiva das representações dos fatos conseqüentes no presente mais próximo; é a partir deste presente que será retomada a Cidade do Recife na análise de seus microespaços.

Inquietudes acerca das paisagens da cidade nos recortes pesquisados

A contemplação do mundo e a representação das suas formas e descobertas encontra na paisagem o canal para sua expressão. Capturada inicialmente pelo aspecto fisionômico que ostenta, a paisagem detém além de forma, conteúdo e processos, cujas construções emergem de dimensões concretas e simbólicas, históricas e culturalmente situadas. Esses componentes da paisagem e a diversidade de combinações que os seus arranjos físicos e humanos oferecem, inspiram diferentes esforços de abordagens.

Perspectivas objetivamente técnicas e pautadas por rigores do conhecimento científico privilegiam levantamentos de elementos, em especial físico-naturais, integrantes de espaços representados sob a forma de paisagens. Aspectos e formas predominantes locais são cotejados com informações anteriores, classificados e inseridos em estatutos universais. Passam a compor inventários especializados e não necessariamente articulados entre si.

Abordagens literárias e artísticas, tanto na pintura, como poesia, música, entre outros, elaboram representações desse mundo contemplado abstrato ou concreto, atribuindo-lhes leituras ilustrativas de componentes subjetivos e estéticos permeados de emoções e significados simbólicos.

Considerada na perspectiva antropológica cultural, ou no campo da psicologia, é reconhecida segundo os princípios da inserção do indivíduo no meio social e suas representações do mundo, histórica e coletivamente trabalhada. Afinal, as sociedades não imputam valores idênticos às paisagens. As percepções nelas e a partir delas construídas, contêm componentes utilitaristas e dimensões simbólicas que, sob formas físicas, encobrem as forças que os animam. É nesse campo que revelam-se a carga de sentidos subjacentes ao entendimento de natureza na paisagem.

Essas e outras inúmeras abordagens imprimem entendimentos distintos à paisagem complementando esforços no sentido de apreender a sua essência.

O empenho é contínuo no interesse de desvendá-la. Os méritos desses esforços já encontram-se recompensados em suas colaborações. Querer apreender a paisagem é um desejo legítimo e necessário, almejar esgotá-la, entretanto, no universo de seus meandros é pretender desvendar os segredos do mundo contemplado em todos os seus ângulos. Sabidamente tarefa impossível de ser atingida, até por que perde-se a graça dele.

As paisagens só existem para quem as representa, independentemente das forças e interesses que movem esse olhar. Essa apreensão implica em arranjos e organizações de elementos, segundo critérios culturais e filtros psicológicos e emocionais próprios. As representações das paisagens não se repetem, a não ser por massificação cultural, o que não impede que elementos marcantes sejam recorrentes ou aludíveis nessas representações. Conforme pode ser observado nas paisagens das cidades, onde persistem mais fortemente no imaginário coletivo, determinados atributos associados a redes, fluxos, cercas, limites, zoneamentos, edifícios, ao lado de ruídos, poluições diversas, canais, linhas, perdas de relação de vizinhança, espaços centrais diariamente saturados e noturnamente desertos e, principalmente a ausência de natureza em forma nativa, ou, encontrada reproduzida ou artificialmente simulada.

Esses e outros aspectos presentes nas representações de paisagens das cidades, convidam a reflexões privilegiando a relação nelas estabelecidas com a natureza. Regida pelo ideário do progresso e reelaborada dinamicamente para permanecer sempre na moda (sentido de Walter Benjamin), a cidade tem no adjornamento da questão socioambiental um dos alvos reveladores da sua contradição. Historicamente na construção das cidades, os aspectos socioambientais foram predominantemente valorizados segundo princípios estéticos e de apazibilidade, onde, devidamente modelados e adequados a padrões de urbanização, incorporam valores de usos e trocas.

Afinal o que é natureza? Esta pergunta aparentemente tão simples de responder não encontra eco plausível na história da confecção de Paisagens de nossas cidades. Os pilares sobre os quais foram edificados os espaços urbanos não contemplam entendimentos nítidos acerca da existência da natureza possível. No “mundo da engenharia e da técnica” ideologicamente os elementos físico-naturais são convertidos em acessórios subliminares até o surgimento de protótipos que os substituam. A paisagem vista e qualificada

por ser contemplada, paisagem de convenção, opõe-se à paisagem vivida, aquele de todos os dias, “paisagem ordinária”, em simples movimento, submetida aos efeitos econômicos e políticos e às transformações técnicas³⁷.

O período atual é possivelmente aquele onde a paisagem vivida põe questões essenciais aos adeptos da paisagem de convenção acerca da existência de sensibilidades mais profundas, que não são objeto de uma estética oficial e que revelam valores afetivos, simbólicos ou funcionais, coletivos, arraigados ou ancorados à história dos povos³⁸. Este trabalho representa um exercício em torno dessas reflexões. Desenvolvido na cidade do Recife, cidade-anfíbia culturalmente negada como tal, este trabalho partiu de hipóteses de que a idéia de natureza não encontrava-se com contornos definidos na concepção dos usuários da cidade.

Essas hipóteses reavivaram o legado cultural sobre as quais foram assentadas. Os reencontros das falas e expressões “nostálgicas” de cenários bucólicos, não recuperam idéia de natureza primitiva do sítio, ou sequer de paisagens como condicionantes naturais. A expectativa de artificialização do natural encontra-se intrinsecamente vinculada à idéia de progresso e modernidade. Como a cidade reflete essas máximas, a natureza não tem seu espaço garantido nesse cenário, representado pelas paisagens dos seus usuários.

O poder público encena resgates históricos seletivos da cidade. Propõe revitalizações, renovações e medidas urbanísticas afins, em espaços sob os quais camadas de eventos sucederam-se. Elegendo o ponto significativo desse resgate histórico enceta campanhas de sensibilização e comoção social, com vistas a garantir cumplicidade do público no encaminhamento de empreendimentos turísticos.

Nesses apelos, a história da cidade é passada em recortes ou retalhos, colaborando para confundir tempos e feitos ocorridos, em especial para aqueles que não tiveram oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre essa dimensão. Esses planos de preservação e recuperação urbana de sítios históricos e monumentos, suscitam dúvidas quanto aos beneficiados pelo resgate do seu legado na história de uma cidade colonial apropriada por portugueses e holandeses, principalmente, no seu início. Afinal de qual história procura-se raízes? O que é realçado nesse resgate? que edificações e monumentos se cultua?

Além disso, como podem ser apreciados nas falas, os elementos físico-naturais de uma parcela da cidade privilegiada pelo porto, mar, rios, e panoramas a partir de suas pontes, não foram contemplados nos planos oficiais de valorização, assim preteridos pelos edifícios que adotam novos usos e serviços voltados ao turismo e ao lazer noturno. A história do Recife exhibe uma negação constante às suas águas. O elemento natural privilegiado é a praia, justificando assim o processo da ocupação em direção à zona sul da cidade.

Os aterros de manguezais são denunciados repetidamente como prejuízos ambientais, mas sem a dimensão em que essas perdas e danos ocorrem, nem as suas conseqüências. A impressão é de discursos mecanicamente reproduzidos e dissociados da prática, como os moradores da favela, que não guardam nenhuma perspectiva de uso dos mangues, a não ser como depósitos de detritos e esgoto.

Abrir essas discussões junto à classe média moradora nas adjacências do manguezal dessa favela pesquisada corroborou igual suspeita; ninguém quer assumir tal postura, sob pena de ser considerado “politicamente incorreto” do ponto de vista ambiental, mas implicitamente a rejeição aos mangues e alagados é consensual. A ausência de discussões e aprofundamentos dessas temáticas, hipostasia a questão da relação sociedade-natureza. Eticamente, é sabido o que fazer, mas etnologicamente, essa compreensão é negada.

Convive-se com uma natureza que é rejeitada nas ações e defendida em discursos. O conhecimento científico e técnico que poderia realçar a sua importância, encastela-se na torre acadêmica ou nos institutos de pesquisa. As informações, em especial conduzidas pela mídia, sobre meio ambiente, preservação da natureza e apelos afins, apresentam-se tão dissociadas do contexto do imediatamente vivido, que dificultam uma auto-reflexão e uma análise crítica sobre a questão sócio-ambiental vivenciada no cotidiano dos lugares.

Esse estado de desinformação ou deformação conduz à uma alienação progressiva materializada em práticas que reforçam a negação da natureza na cidade envolvendo desde dimensões mais singulares até as mais ubíquas. Isso fica bem ilustrado nessa pesquisa desenvolvida. O céu nem aparece nas respostas como elemento natural significativo em amplo espaço aberto. O rio não é lembrado nas referências sobre as pontes e o quadro de repostas

dados resume o implícito construto sociocultural do legado da nossa civilização, onde predomina a natureza como meio, como algo útil. O mais preocupante é que, até como útil, essa referência não tem sido tão presente.

A pesquisa histórica em mapas, e depoimentos, bem como através de poesias, instigou a prosseguir nessa recuperação das bases conceituais e de compreensão dos elementos físico-naturais na paisagem. A análise comparativa das fotos, representa um excelente recurso de reconstituição, apoiada também em mapas. Abre-se uma nova perspectiva para continuidade desse trabalho.

Por outro lado, o estudo das representações de paisagens da cidade segundo esses recursos despertou novas inquietações acerca da assimilação da cidade pelos seus usuários. Além desses aspectos, particularmente a dimensão teórica da paisagem e o seu reatamento na prática, nunca pareceram tão cheios de dúvidas e possibilidades. Ao mesmo tempo em que é pleno de riquezas e possibilidades, o seu estudo apresenta tantas diversidades de enfoques e abordagens que, em determinado estágio suscita questionamentos acerca dessa amplitude.

Afinal, se essa categoria é tão completa que abrange múltiplas perspectivas e permite abrigar amplo leque de abordagens, desde o subjetivo ao objetivo, do emocional ao racional, do geral e do singular, ela pode perder-se na superficialidade ou no esvaziamento de seus propósitos. Em outras palavras reluzir-se inocuamente no seu ambicioso posto panóptico.

Essa interpretação sucumbe ao argumento que a paisagem não existe em si, ela é produto de construções e representações do mundo contemplado, portanto vivido, e como tal não é propriedade exclusiva de nenhuma ciência ou disciplina, tratando-se sim de um aporte para diálogos em exercícios de contemplação e reflexão sobre o mundo e o vivido. Nesse diálogo há assentos para artistas, filósofos, arquitetos, geógrafos, psicólogos entre outros, realimentado provocativa e animadamente pelo senso comum, com vistas aos novos reencontros entre teorias e práticas, entre mundos subjetivos vividos e objetivamente construídos, entre o natural e o mais aproximadamente humano.

A combinação da análise da paisagem com estudos sobre as representações das relações estabelecidas com a natureza, contemplando o seu entendimento no espaço das cidades, impulsionou outros desdobramentos que reafirmaram novas incertezas e dúvidas. A principal reside na idéia de

natureza na cidade. Esses resultados iniciais da pesquisa apontam com bastante ênfase para o legado cultural como suporte para negação da natureza. Por outro lado permanecem discursos sobre a sua importância e necessidade.

A natureza é simulada e trazida para as residências dos usuários da cidade. Jarros, vasos, miniaturas de plantas, folhas secas, etc., decoram as residências. As pessoas fazem cooper ao longo das pistas marginais a rios poluídos, lagoas, calçadões a beira-mar, e parques seletivamente projetados. Aterram alagados e reivindicam canalizações de rios e charcos. As pessoas se sensibilizam com ursos pandas, micos dourados e pingüins, mas nutrem ojeriza pelos pombos urbanos, ridicularizam e denunciam a presença de animais soltos na cidade.

Esses e outras séries de exemplos que poderiam ser declinados, reforçando o ilustrado pelas respostas trabalhadas ao longo deste trabalho, levam à reflexão de que não há reconciliação possível entre o que se entende por natureza e o que se faz com ela na cidade. A paisagem revela-se uma instância oportunamente possível de realçar essas relações sociedade natureza e suas compreensões no espaço da cidade, em suas diversas abordagens. É nessa perspectiva que situa-se meu interesse em prosseguir nessa trilha da paisagem.

Referência Bibliográfica

ADORNO, T.W. Wozu nach Philosophie. In: *Eingriffe. Neuen kritische Modelle*. Frankfurt: 1963.

ALIATA, Fernando e SILVESTRI, Graciela. *Los Fundamentos de Las Ciências de Hombre. El paisaje en el arte y las ciencias humanas*. Tucumã/ Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1994.

BAHRENBERG, G. Stand und aufgaben der "Spatial Analysis". In: *Festschrift für Elisabeth Lichtenberger. Klagenfurter Geographische Schriften*, H.6, 1985, p.16

BAILLY, A. *Représentations spatiales et dynamiques urbaines et régionales*. Montréal: Editions régionales européennes, 1986.

BARTELS, D. Zur Wissenschaftstheoretischen Grundlegung einer Geographie des Menschen. Wiesbaden. Beiheft zur Geographischen Zeitschrift, 18, 1970.

BENJAMIN, Walter. Gesammelte Schriften (GS) Band I, 3. Frankfurt a.M: Suhrkamp, 1980.

BÖVENTER, E.v. "Die Struktur der Landschaft, Versuch einer Synthese und Weiterentwicklung der Modelle J. H. Thünens, W. Christallers und Löschs". Berlin: 1962.

CHAI, E., HAGEN, D., HASSE, J. e KRÜGER, R. Heimat im Matscher Tal. Eine kulturgeographische Untersuchung zu Alltag und Identität in einem abgelegenen Hochtal Südtirols. Oldenburg: Wahrnehmungsgeographische Studien zur Regionalentwicklung, H.4, 1966.

DOWNS, R.M. "Geographic Space Perception. Past Approaches and Future Prospects". In: *Progress in Geography*, 1970.

FRIEDRICHS, J. H. G. von ROHR. Soziologische Analyse der Bevölkerungs - Suburbanisierung. In: *Veröffentlichungen der Akademie für Raumforschung und Landesplanung*, Bd. 102. Hannover: 1975. S. 39-80.

FRIEDRICHS, J. Stadtanalyse, Soziale und räumliche Organisation der Gesellschaft. 3. Auflage. Opladen: 1983.

GOUVEA, Fernando da Cruz. *Perfil do Tempo*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1990.

GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar Gomes. *Recortes de paisagens na cidade do Recife*. 1997. Tese de Doutorado. FLCH, USP, São Paulo.

HARD, Gerhard. Die Landschaft der Sprache und die Landschaft der Geographen (Colloquium Geographicum - Hrsg) - Band II, Bonn: 1970.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1968.

LICHTENBERGER, E. Stadtgeographie. 1. Begriffe, Konzepte, Modelle, Prozesse. Stuttgart: Teubner Studienbücher, Geographie, 1986.

LUGINBÜHL, Yves. "L'invention dy paysage" In: *Courrier de la Planète*, n° 17, Juin, 1993.

MITSCHERLICH, Alexander. Die Unwirtlichkeit unserer Städte - Anstiftung zum Unfrieden. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1965.

MORIN, Edgar. *O método: o conhecimento do conhecimento*. Lisboa: Biblioteca Universitária, 1986.

NABUCO, Joaquim. (Carta datada de novembro de 1887. Publicada n'ó O PAIZ, (Rio de Janeiro) edição da 4. feira, 30 de novembro de 1887) In: GOUVEA, Fernando da Cruz. *Perfil do Tempo*. Recife : Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1990.

SCHAD, H. C. GRASS. Stadtteiltypisierung von Frankfurt am Main: Sozialraumanalyse, Faktorialanalyse und Clusteranalyse im Vergleich. *Trierer Beiträge zur Stadt- und Regionalplanung*, Bd.15. Trier: 1988.

SCHÄFER, Robert (Hrsg.). Was heißt denn schon Natur? Ein Essaywettbewerb. München : Verlag Georg D. W. Callwey, 1993.

SCHÄFERS, B. Über einige Zusammenhänge zwischen der Entwicklung suburbaner Räume, gesellschaftlichen Prozessen und Sozialverhalten. In: Veröffentlichungen der Akademie für Raumforschung und Landesplanung, Bd.102. Hannover: 1975, S.81-94.

STEWIG, Reinhard. (Hrsg.) Untersuchungen über die Großstadt in Schleswig-Holstein. Kiel: Kieler Geographische Schriften, Bd.57. 1983.

WEICHHARD, Peter. Raumbezogene Identität Bausteine zu einer Theorie räumlich-sozialer Kognition und Identifikation, *Erdkundliches Wissen*, H.102. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1990.

ZEHNER, Klaus. Stadteile und Zentren in Köln. Eine Sozialgeographische Untersuchung zu Raumstruktur und räumlichem Verhalten in der Großstadt. *Kölner Geographische Arbeiten - Geographisches Institut der Universität zu Köln*, Heft 47, Köln: 1987.

Notas

¹ NABUCO, Joaquim. Carta datada de novembro de 1887. Rio de Janeiro: O PAIZ. ed. 4ª feira. 30 de novembro de 1887. In: GOUVEA, Fernando da Cruz. *Perfil do Tempo*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1990, p. 304.

² MORIN, Edgar. 1989. p.19.

³ DOWNS, R.M. Geographic Space Perception. Past Approaches and Future Prospects. In: *Progress in Geography?* 1970, p. 63-108.

- ⁴ Sendo o Espaço da Percepção entendido como um recorte do meio cotidiano, que o indivíduo procura transmitir ou fazer conhecer a uma terceira pessoa, seja através de descrição, relatório ou desenho, ou por meio de uma experiência. Enquanto que o Espaço de Ação é uma parte dos Espaços percebidos que o indivíduo, numa fração conhecida do tempo, utiliza para atendimento e satisfação de suas necessidades no âmbito das funções básicas.
- ⁵ HORTON, F.E. e REYNOLDS, D.R. Effects of Urban Spatial Structure on Individual Behavior. In: *Economic Geography* 47, 1971, pp. 36-48.
- ⁶ FRIEDRICHS, J. Stadtanalyse. Soziale und Räumliche Organisation der Gesellschaft. Reinbek, 1977, p. 306.
- ⁷ BARTELS, D. Zur wissenschaftstheoretischen Grundlegung einer Geographie des Menschen. Wiesbaden. Beiheft zur Geographischen Zeitschrift, 18, 1970, p. 33.
- ⁸ BAHRENBERG, G. Stand und aufgaben der "Spatial Analysis". In: Festschrift für Elisabeth Lichtenberger. Klagenfurter Geographische Schriften, H.6, 1985, p. 16.
- ⁹ A cidade do Recife apresenta 6 Regiões Político Administrativas, que compreendem 94 bairros.
- ¹⁰ Compreendendo 50,00 Km² de planície, 144,92 Km² de morros e 20,00 Km² de áreas aquáticas. O Recife dispõe de 12,00 Km² de áreas verdes e 6,00 Km² de extensão banhada pelo Oceano Atlântico.
Com relação à infra-estrutura, cerca de 93% do total de 311.365 domicílios existentes no Recife, são ligados à rede geral de abastecimento d'água, em contraste com apenas 31 % desse mesmo total ligado à rede de esgotamento sanitário.
Com relação à rede de drenagem a extensão de galerias é de 584,1 Km, contando com 66 canais que perfazem 114,3 Km de extensão. In: Recife em Números. PCR. 1996.
- ¹¹ ADORNO, T.W. Wozu nach Philosophie. In: Eingriffe. Neun kritische Modelle. Frankfurt, 1963, S.22.
- ¹² Lichtenberger, neste âmbito tece críticas a este procedimento adotado por diversos geógrafos, cujos trabalhos passaram a ser ditados pelos recursos da técnica. Nesse sentido ela cita o americano B.L.S. Berry, com seu método favorito de análise fatorial (BERRY, B.J.L. Geography of Market Centres and retail Distribution, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, New York, 1967), e WILSON, G. com o modelo de Entropia.
- ¹³ Zehner (1985, S.77).
- ¹⁴ Cf: E. Chai, D. Hagen, J. Hasse e R. Krüger Heimat im Matscher Tal. eine kulturgeographische Untersuchung zu Alltag und Identität in einem abgelegenen Hochtal Südtirols. Oldenburg: Wahrnehmungsgographische studien zur regionalentwicklung, H.4, 1966.
- ¹⁵ A tese defendida por MITSCHERLICH acerca da inospitalidade das cidades aborda a crítica da história cultural das cidades que, em especial, se desenvolveram a partir da

sociedade industrial. Acompanhando o processo de “urbanização” decorrente, são consideradas as repercussões advindas de rupturas de comportamentos sociais no quadro de mudanças das relações campo-cidade, juntamente com as críticas às condições de moradia, o alheamento do novo confrontado com as diferentes formas de vida e o respectivo quadro de perdas da qualidade sócio-ambiental das cidades. Cf: MITSCHERLICH, A. *Die Unwirtlichkeit unserer Städte*. Anstiftung zum Unfrieden. Frankfurt am Main, 1965.

- ¹⁶ Entre as questões que inspiram reflexões nesse campo, inscrevem-se: a) A perda da identidade dos lugares da cidade e a sua dissolução em diferentes espaços funcionais; b) A massificação dos padrões de construção dos espaços, homogeneizando lugares, padronizando volumes, processos e formas, conduzindo à perda de identidades e singularidades dos lugares e multiplicando os não lugares; c) A desfavorável relação com o solo nas grandes cidades (diferenças nas suas apropriações); apoiada institucionalmente em Códigos urbanísticos formais ou não, criação de áreas selecionadas nas cidades em paralelo à criação de espaços de raridades, d) A não valorização das apreciações dos usuários das cidades acerca das intervenções nos lugares e cotidianos com os quais interagem; e) A ausência ou dificuldade de comunicação nas grandes cidades, a ausência de relações emocionais ou afetivas entre as vizinhanças, crítica que o sociólogo norte-americano L. Wirth nos anos 30 já fazia acerca do anonimato e o caráter transitório das relações de vizinhança nas grandes cidades.
- ¹⁷ Através das pesquisas sobre as ocorrências das diferenciações internas das cidades, foram abrangidos e delimitados – cartograficamente – em estudos e pesquisas aplicadas, espaços marcados pela economia: o centro, a indústria – regiões comerciais – e também espaços marcados pelas residências, ou como lugares de moradia.
- ¹⁸ Seguindo esta perspectiva de investigação inicial foram procedidas, através de uma estrutura mais fina de observação, as diferenciações entre as infra-estruturas dos bairros residenciais e os setores ou parcelas de segmentos socioeconômicos que constituem ou que compõem as moradias. A cartografia pressupõe uma classificação funcional da cidade tradicional, visada, segundo critérios fisionômicos, tipos de casas e edifícios e seus respectivos usos.
- ¹⁹ Nesse sentido foram analisadas as estruturas das cidades, a partir dos modelos clássicos de estrutura interna das cidades, tais como o modelo de círculos concêntricos de E. W. BURGESS, o modelo setorial de H. HOYT e o modelo de núcleos diferenciados de C. H. D. HARRIS e E. L. ULLMAN – modelos estes que classificavam as partes ou parcelas da cidade em setores de habitação e setores econômicos, sendo os primeiros subdivididos em função de níveis de renda e os segundos separados em classificação terciária ou secundária – vindo a constituir formas geométricas de representação da estrutura interna das cidades norte-americanas.
- ²⁰ A Etnologia se anexa à Geografia ao ver ou identificar, o bairro, ou quarteirão da cidade como o campo de pesquisa mais estreitamente vinculado ao estudo etnológico na

cidade. A Etnologia fornece, assim, um rico ponto de apoio, ao lado da psicologia e sociologia, para a investigação dos trabalhos na Geografia Social e Urbana.

²¹ Dentro das suas condições antropológicas, entende-se que os indivíduos, enquanto seres vivos, apresentam uma ligação entre Natureza e Espírito. O indivíduo é racional – e essencialmente sentimental, com maior ou menor arbítrio – no sentido psíquico-psicológico, social e étnico.

²² Cf: WEICHHART, P. Raumbezogene Identität-Bausteine zu einer Theorie räumlich-sozialer Kognition Identifikation; Erdkundliches Wissen, H. 102, Stuttgart, 1990.

²³ Em todas as informações comportamentais é possível se verificar, fundamentalmente, decisões dos indivíduos, que em algumas funções, como, por exemplo, da habitação, não deverão ser encontradas mudanças frequentes e/ou aspectos novos na cotidianidade. O inverso é observado em funções como lazer e diversão, bem assim na vida comunitária, onde existe expectativa de se encontrar sempre coisas diferentes quase diariamente, ou melhor, constantemente há a expectativa de novas decisões.

²⁴ Habitação; trabalho; abastecimento; formação instrucional; diversão; formas de deslocamento (meio de transporte); e vida comunitária.

²⁵ BARTELS, D. Menschliche Territorialität und Aufgabe der Heimatkunde. In: WRIEDEL (Hrsg.): Heimatbewußtsein. Erfahrungen und Gedanken, Beiträge zur Theoriebildung. Husum, 1981, p. 9-24.

²⁶ Distintas ofertas de equipamentos, áreas, tempo de construção, qualidade e conservação das instalações sanitárias, infra-estrutura do quarteirão etc.

²⁷ Por exemplo, se um bairro teve sua origem vinculada à expansão de um subúrbio até o centro de uma cidade, ou se sua transformação se deu a partir de uma vila, ou de um desmembramento de um outro bairro, etc.

²⁸ FRIEDRICH, J. Stadtanalyse, Soziale und Räumliche Organisation der Gesellschaft. 3. Auflage. Opladen, 1983.

²⁹ Cf: SCHAFFER, F. Untersuchungen zur sozialgeographischen Situation und regionalen Mobilität in neuen Großwohngebieten am Beispiel Ulm-Eselsberg; Münchener Geographische Hefte, Heft 32. Kallmünz, Regensburg, 1968.

³⁰ LÉFÈBVRE, Henri. *El Derecho a la Ciudad*. Barcelona: Península, 1969.

³¹ Os equipamentos sociais, escolas, hospitais, linhas de transporte público, igrejas, praças de comércio, locais de diversão podem e devem ser pesquisados, compondo um quadro amplo do entorno dos microespaços; podem, assim, oferecer elementos para a investigação objetiva da qualidade de vida nestes espaços da cidade trabalhada.

³² Cf: STEWIG, R. (Hrsg). Untersuchungen über die Großstadt. In: Schleswig-Holstein; Kieler Geographische Schriften, Bd.57. Kiel. 1983.

³³ Cf: MITSCHERLICH, A. Die Unwirtlichkeit unserer Städte. Anstiftung zum Unfrieden. Frankfurt am Main, 1965.

- ³⁴ Cf: STEWIG, R. Die Stadt in Industrie – und Entwicklungsländer; Universitatstaschenbuch, 1247. Paderborn, 1983.
- ³⁵  reforçado em ALIATA et al (1994), que a noção de Paisagem era estudada separadamente por diversas disciplinas: paisagismo na pintura, a história da disciplina paisagística, história do jardim, até a noção de Paisagem Geográfica, e que na primeira metade do século XIX, a Paisagem se aquartela em cada disciplina e campo de saber e perde de vista as variadas e diferentes fontes de sua formação. Prosseguindo,  afirmada a ambigüidade que a palavra Paisagem suscita, quando, correspondendo igualmente a um espaço material e passível de representação figurativa, findou por minar a confiança na sua utilização no sentido rigoroso, sendo substituída por outros termos que prometiam mais clareza conceitual: território, ambiente, contexto, etc. “No escap a la investigación reciente, sin embargo, que esta sustitución sólo oscurecia el problema, y que los valores morales y estticos que la idea de paisaje expresaba en su formulación madura, lejos de borrarse, aparecían transfigurados y sin críticas en las nuevas propuestas” (p. 8). Essa forma de substituio terminou por obscurecer o problema, visto que dissimulava os valores morais e estticos que a idia de Paisagem expressava na sua formulao, que, ao invs de serem, to somente, apagados apareciam transformados, transfigurados e sem críticas s novas propostas. ALIATA, Fernando & SILVESTRI, Graciela. *Los Fundamentos de Las Cincias de Hombre - El Paisaje en el Arte y las Ciências Humanas*. Tucumã, Buenos Aires: Centro Editor de América Latina S.A, 1994.
- ³⁶ Ao que se agregam fatores fisiológicos, psicológicos e antropológicos, num quadro de sobrevivência e interação com o mundo cotidiano, nas dimensões objetivas e subjetivas.
- ³⁷ LUGINBÜHL, Yves. “L’invention dy paysage” In: *Courrier de la Plante*, n 17, Juin, 1993.
- ³⁸ LUGINBÜHL, Yves. “L’invention dy paysage” In: *Courrier de la Planète*, n 17, Juin, 1993.